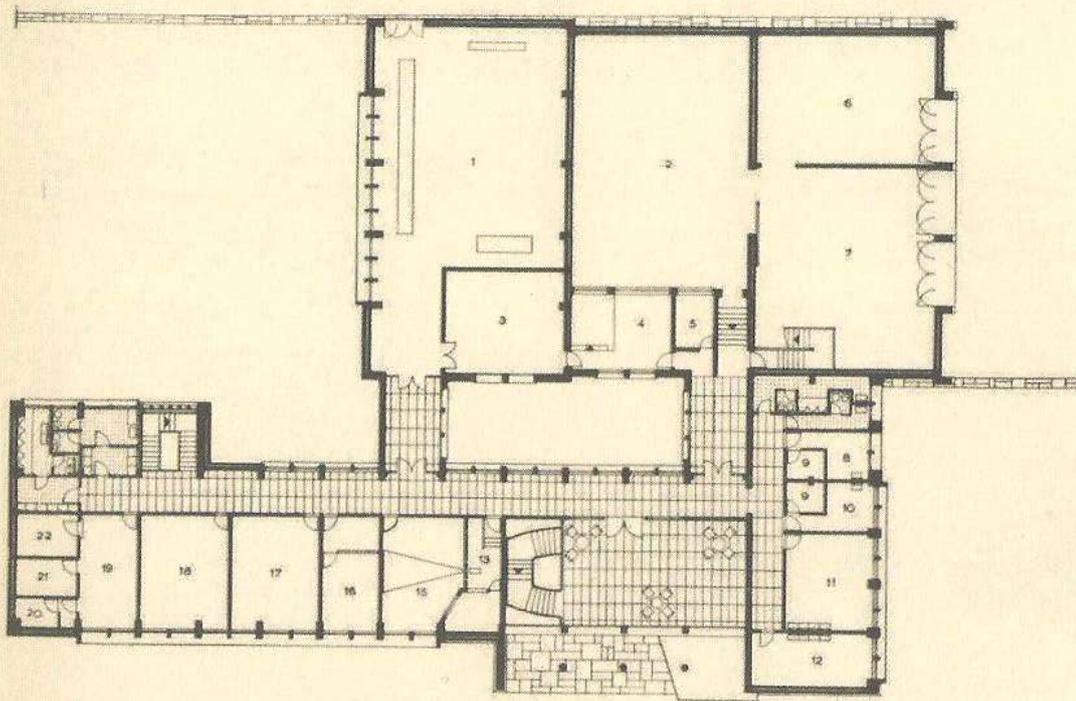




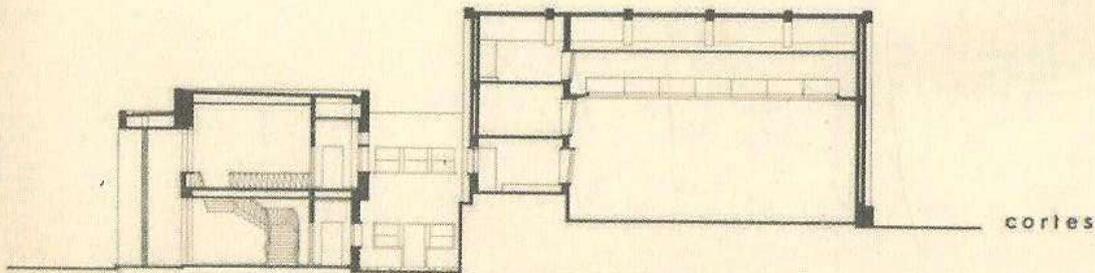
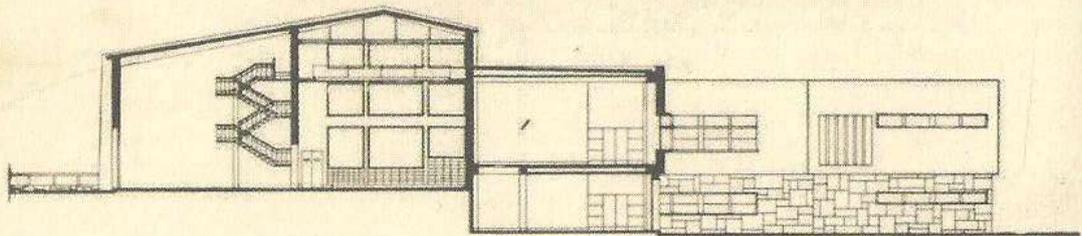
**UMA CASA PARA
A RÁDIO NA CASA
DA TELEVISÃO**

MADALENA OLIVEIRA e LUÍS ANTÓNIO SANTOS

A história da rádio pública no Monte da Virgem tem apenas 12 anos. É mais ou menos contemporânea da Lei n.º 8/2007, de 14 de fevereiro, que criou uma empresa única para o audiovisual público. Oito meses depois da publicação da lei, a 20 de outubro, inaugurava-se então no Centro de Produção do Porto o Edifício R — R de rádio —, que resultou de um investimento de mais de três milhões de euros, no âmbito do chamado projeto Media Parque. A sede norte da rádio pública saía assim dos velhos estúdios da Rua Cândido dos Reis, no Porto, para coabitar com a televisão na margem sul do Douro, em Vila Nova de Gaia.



- 1 - F. M. e F. H.
- 2 - estúdio
- 3 - telecinema
- 4 - regie
- 5 - locução
- 6 - execução e armazém de cenários
- 7 - carros exteriores
- 8 - caracterização
- 9 - roupa
- 10 - camarim
- 11 - camarim - mulheres
- 12 - camarim - homens
- 13 - cabine
- 14 - locuções
- 15 - projecções
- 16 - engenheiro delegado
- 17 - laboratório
- 18 - filмотeca
- 19 - cópias e montagem
- 20 - câmara escura
- 21 - depósito
- 22 - revelação



cortes

R DE RÁDIO... E DE REESTRUTURAÇÃO

Teria a vantagem de estar no coração da segunda maior cidade do país, mas o número 74 da Rua Cândido dos Reis, na Baixa do Porto, encontrava-se em mau estado de conservação. As condições em que a rádio pública ocupava o primeiro andar, arrendado ao Sindicato dos Bancários, eram, segundo o jornalista António Jorge, responsável pelo programa *Antena Aberta* da Antena 1, «decrépitadas»¹. Com a mudança para o Monte da Virgem, a secção da rádio pública no Norte ganhou em termos técnicos e infraestruturais aquilo que, no entanto, terá perdido em exclusividade. Era uma mudança necessária do ponto de vista material, «um sonho de décadas» para quem trabalhava sobre o soalho rangente do antigo edifício, mas não se tratou apenas de uma migração de morada. Significou também a integração numa empresa nova que, para Nuno Moura Brás², suprimiu, no contexto das emissoras nacionais, a marca autónoma da RDP (mantiveram-se a RDP África e a RDP Internacional, mas as Antenas 1, 2 e 3 perderam o prefixo RDP).

Anunciada no âmbito do projeto Media Parque, que previa transformar o Centro de Produção do Porto num centro tecnológico e empresarial na área dos *media*, da comunicação e da produção audiovisual, a construção de um novo edifício para os serviços de radiodifusão pública no mesmo complexo da televisão em Vila Nova de Gaia seguiu a estratégia já adotada em Lisboa, em 2004, de reunir a produção radiofónica e televisiva em instalações partilhadas. Com seis novos estúdios (quatro auto-operados e dois convencionais), o edifício construído de raiz para a rádio representou tanto a reorganização dos espaços de trabalho como a renovação do equipamento de produção e emissão.

Correspondendo a um investimento superior a três milhões de euros e à primeira fase do plano que então se traçava para o Centro de Produção do Porto, a transferência dos recursos da rádio para o Monte da Virgem representou, por outro lado, uma tentativa de convergência — mais bem-sucedida, no entanto, do ponto de vista dos serviços administrativos do que do ponto de

¹ Entrevista, 29 de julho de 2019.

² Entrevista, 29 de julho de 2019.

vista editorial. A experiência de criar uma redação única para a rádio e a televisão, que durou pouco mais de um ano, denunciou a dificuldade de compatibilizar os tempos e as rotinas de dois meios que não operam na mesma velocidade nem com as mesmas linguagens.

Distante da ideia que Henry Jenkins formulou sobre a hipótese da convergência mediática como um processo mais cultural e antropológico do que tecnológico³, a tentativa de fundir a produção de informação da rádio e da televisão estreitou-se, na perspectiva de António Jorge, numa visão mais economicista da possibilidade de integração — de juntar para tornar mais barato — do que de confluência de práticas. Na percepção de Nuno Moura Brás, que foi um dos primeiros apresentadores do *Às Dez*, um dos programas televisivos que esteve na origem do *Praça da Alegria*, a fusão das redações não funcionou como se pretendia, porque «os ritmos [da rádio e da televisão] são diferentes, os horários nobres são diferentes, os meios são diferentes», não tendo havido suficiente tempo de adaptação dos métodos de trabalho. É certo que a proximidade ao meio televisivo permitiu uma ou outra sinergia, mas o projeto de junção das equipas dedicadas à Informação haveria de retroceder.

A instalação da divisão do Porto da rádio pública em Vila Nova de Gaia confundiu-se, na verdade, com a reestruturação das empresas de serviço público. Primeiro, com

a reunião da RDP e da RTP, em 2004, na *holding* Rádio e Televisão de Portugal, SGPS. Depois, com a criação, em 2007, da empresa única Rádio e Televisão de Portugal, SGPS, S.A., uma sociedade de capitais exclusivamente públicos que incorporou a Radiotelevisão Portuguesa — Serviço Público de Televisão, S.A., a Radiodifusão Portuguesa, S.A., e a RTP — Meios de Produção, S.A. e que, por força da Lei n.º 8/2007, de 14 de fevereiro, passou «a ter como objeto principal a prestação dos serviços públicos de rádio e de televisão». Pela mesma circunstância, a taxa de radiodifusão sonora, que constituía a fonte de receita essencial da RDP, haveria de passar a chamar-se «contribuição audiovisual» e beneficiar todos os meios do grupo.

Ao contrário do que aconteceu noutros países, como Inglaterra ou Itália, onde a televisão é «filha» da rádio (a BBC TV nasceu da BBC Rádio, a RAI TV nasceu da RAI Rádio, que começou por se chamar EIAR — Ente Italiano Audizioni Radiofoniche), em Portugal a rádio e a televisão apareceram como empresas independentes, que se fundiram apenas *a posteriori*, passados, aliás, muitos anos de existência. É nessa circunstância histórica e no facto de a rádio ser, por natureza, um meio mais discreto do que a televisão, que estará a razão por que, para os profissionais das estações herdeiras da Emissora Nacional, a mudança para o Monte da Virgem, contraditoriamente, criando mais condições materiais, «dimi-

3 Jenkins, 2006.

nuiu» a rádio. Não exclusivamente no Porto e não no que respeita à contribuição da secção norte para as emissões especialmente da Antena 1, que continuam a depender em grande medida do trabalho realizado no Norte. «Diminuiu» a rádio, sim, em termos de autonomia e de visibilidade.

Na lógica do grupo dos *media* públicos, a televisão é, na expressão de Nuno Moura Brás, uma espécie de «navio almirante». Para quem trabalha para as rádios que faziam a marca RDP, a constatação é serena, mas irrefutável: para as sucessivas administrações do grupo RTP, é muito mais em função da televisão do que da rádio que se têm definido as políticas de gestão e a direção da empresa. Mobilizando mais recursos, técnicos e financeiros, e sendo mais impactante junto do público, que em Portugal tem prá-

ticas mediáticas ainda muito centradas no pequeno ecrã, a produção televisiva secundariza a representação social do meio radiofónico, como, aliás, se evidenciou em alguma imprensa nacional que deu notícia da inauguração do chamado Edifício R, referindo à cabeça o anúncio do reforço da produção, no Centro de Produção do Porto, de horas de emissão para os canais televisivos⁴.

No Centro de Produção do Porto da RTP, o relevo da televisão sobre a rádio não será mais expressivo do que em Lisboa. Nem um exclusivo da RTP⁵. Resulta da própria natureza dos meios: a rádio mais discreta, a televisão mais exibicionista; a rádio mais humilde — o que na RTP Porto tem significado a perda progressiva de espaço no Edifício R, parcialmente cedido às chefias do grupo —, a televisão mais altaneira.

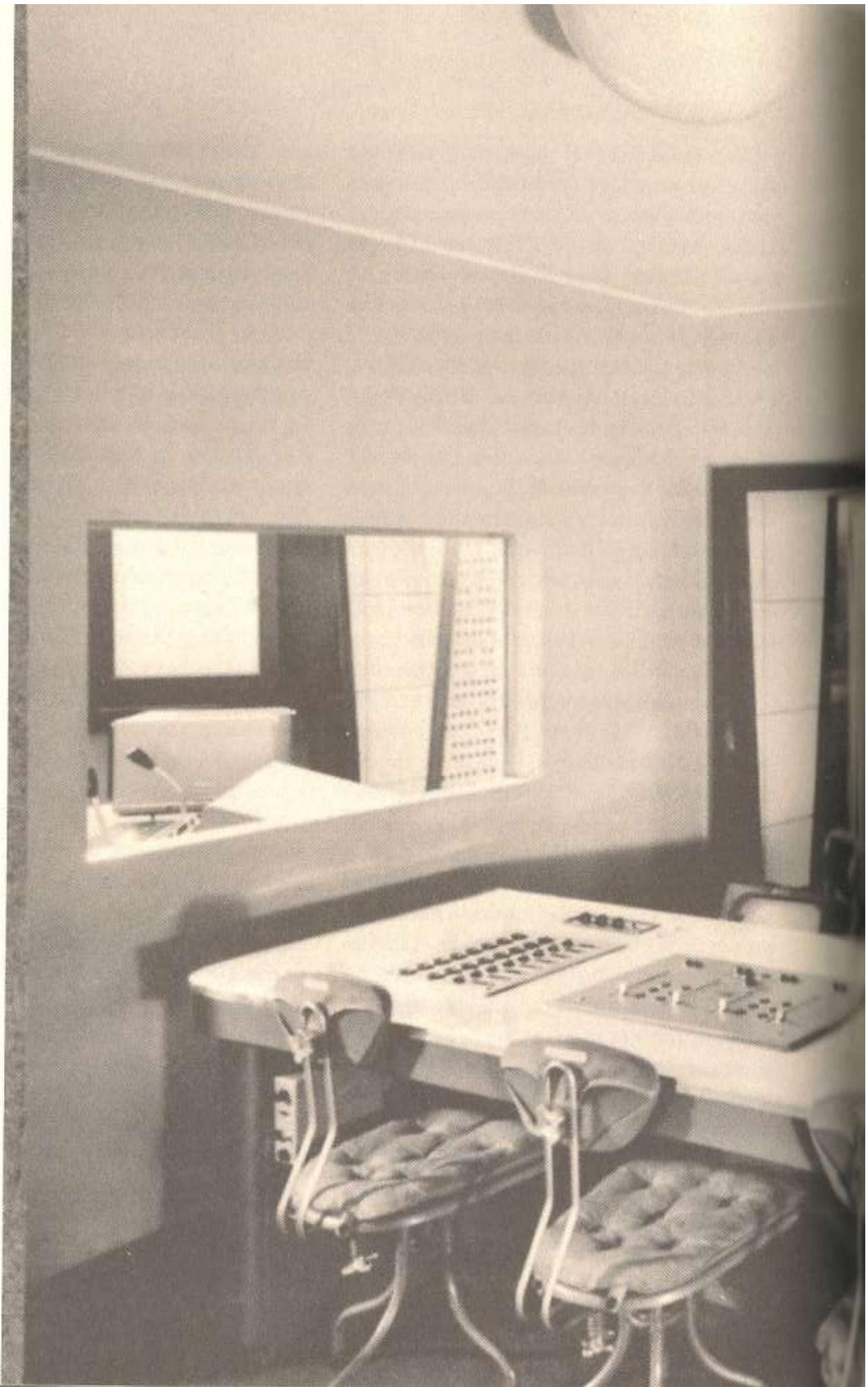
R DE RÁDIO... E DE REPRESENTAÇÃO

Embora a transferência do Porto para o Monte da Virgem não esteja propriamente na origem da relevância que o núcleo de produção do Norte tem para as emissões da rádio pública, as novas condições de trabalho e a proximidade à televisão deram o pretexto para uma experiência original no contexto da RTP: a produção de um programa radiofónico televisionado. Criado pela secção norte da rádio pública, inicialmente apresentado por Eduarda Maio, o *Antena*

Aberta inscreve-se na categoria de programas que contam com a participação do público, num compromisso com a opinião das audiências, como sugere Fábio Ribeiro (2017), para debater a cada dia um tema de atualidade. Com emissão das 11 às 12 horas, de segunda a sexta-feira, na Antena 1, este espaço teve a particularidade de, entre 2008 e 2013, já com realização de António Jorge, ter sido também transmitido pela RTP. Apesar de representar na memória da rádio um

⁴ *Diário de Notícias*, 21 de outubro de 2007.

⁵ Oliveira, 2015.





Régie do Estúdio A, RTP Porto (RTP)

*João
Gomes*

projeto bem-sucedido, que evidenciava as potencialidades de uma lógica de sinergia entre a rádio e a televisão, o formato manteve-se na Antena 1, mas foi substituído no ecrã por um programa idêntico, de produção própria das equipas de televisão.

O *Antena Aberta* é um dos emblemas do que a rádio faz a partir do Porto. Não é, no entanto, um programa regional do Norte, embora nele se possam exprimir os vários sotaques do país. Combinando a opinião de especialistas com a opinião do público, o *Antena Aberta* é a expressão da diversidade informativa e da diversidade das audiências do principal canal da rádio pública. Uma ou duas vezes por mês sai do estúdio para ser produzido a partir do exterior, numa estratégia de proximidade ao público que beneficia do carácter móvel que a rádio tem.

O centro de produção radiofónica do Norte é também responsável pela emissão diária do *Portugal em Direto*, um programa de informação regional, orientado para dar destaque ao que se passa nas regiões. A versão televisiva é feita a partir de Lisboa, mas na rádio este é também um dos produtos da programação informativa que tem a marca da equipa do Monte da Virgem. Transmitido à hora de almoço, a partir das 13 horas, o boletim informativo de quase 45 minutos foca-se na atualidade política, social e cultural das regiões, sendo, à semelhança do *Antena Aberta*, um programa que tem no ADN a diversidade geográfica e temática.

A representação do país que não está apenas em Lisboa é, na verdade, uma vocação que o Centro de Produção do Porto, à semelhança das delegações regionais, acentua na informação que produz. Para António Jorge, sem a intervenção do núcleo da rádio sediado em Vila Nova de Gaia, «dificilmente os autarcas do Norte eram ouvidos com a regularidade com que o são, dificilmente as universidades do Norte do país eram ouvidas com a regularidade com que o são, dificilmente as associações empresariais do Norte e as associações setoriais da economia que têm representação no Norte teriam capacidade de expor as suas ideias e os seus projetos». De acordo com o jornalista, que já conhecia o papel da RDP no Porto antes da mudança para o Monte da Virgem, «se o trabalho que se faz no Centro de Produção do Norte, em termos de rádio, não existisse, a projeção destas instituições e pessoas anónimas seria muitíssimo menor».

Com uma equipa de pouco mais de 20 profissionais, o Centro de Produção do Porto da rádio pública já não tem tempo de emissão própria, nem serviços informativos regionais. A produção de programação própria existia desde os tempos da Emissora Nacional, tendo dado origem, a partir de 1976, à criação de canais regionais (RDP Norte, RDP Centro e RDP Sul). Em 1977, por exemplo, o Regional Norte preenchia 14 horas de emissão com programação própria⁶. A reorganização da empresa, em 2004, acabaria, enfim, com as emissões

6 Santos, 2012.

locais do Porto, de Coimbra e de Faro, que passaram a contribuir diretamente para a emissão nacional (o Norte com o estatuto de centro de produção, o Centro e o Sul na condição de delegações).

Embora sem orçamento próprio e dependendo em boa medida da direção de Lisboa para algumas decisões editoriais, o Centro de Produção do Porto da rádio é responsável por uma parte significativa da informação emitida pela Antena 1, a Antena 2 e a Antena 3. Além de ter uma redação em permanência, o Porto assegura a edição integral de noticiários. A equipa do Norte desempenha um papel que não se vê — até porque a integração na empresa única do audiovisual suprimiu o gabinete de *marketing* da RDP, que fazia a promoção da rádio de forma dedicada. Um papel na informação que se produz no quotidiano, um papel de coordenação de programas de desporto, a maioria especialmente dedicada ao futebol, e um papel na cobertura de acontecimentos especiais. Com efeito, foi a equipa da rádio que trabalha a partir do Monte da Virgem que, em 2012, por exemplo, seguiu o Guimarães Capital Europeia da Cultura, fornecendo inclusive todo o material que a EuroNews difundiu na altura.

Em 1975, por ocasião do golpe de 25 de novembro, pelas 20h45, a Emissora Nacional passava, a título extraordinário, a emissão nacional para o Porto, em consequência do controlo das instalações da estação (então situadas na Rua do Quelhas, em Lisboa) pela Polícia Militar do Exército. Em 2019, o comando da emissão de continuidade passa para o Porto, em função das conve-

niências de serviço e sem a nota de excepcionalidade do período revolucionário.

No campo da programação não informativa, o Centro de Produção do Porto da rádio tem um contributo mais modesto. Além da programação desportiva, destaca-se neste domínio o *Cinemax*, um programa sobre cinema com duas versões: uma semanal, de uma hora, dedicada às estreias da semana e a um olhar crítico sobre os filmes, com realização de Tiago Alves e crítica de João Lopes; e uma diária, com apontamentos de três minutos assinados por Diamantino José. À semelhança do *Antena Aberta*, o *Cinemax* também chegou à televisão, numa versão dedicada à produção de curtas-metragens exibida na RTP2 com apresentação de Tiago Alves. Embora não sendo a exibição televisiva de um programa radiofónico, a adaptação do *Cinemax* para o pequeno ecrã é mais um exemplo do encontro entre a rádio e a televisão públicas.

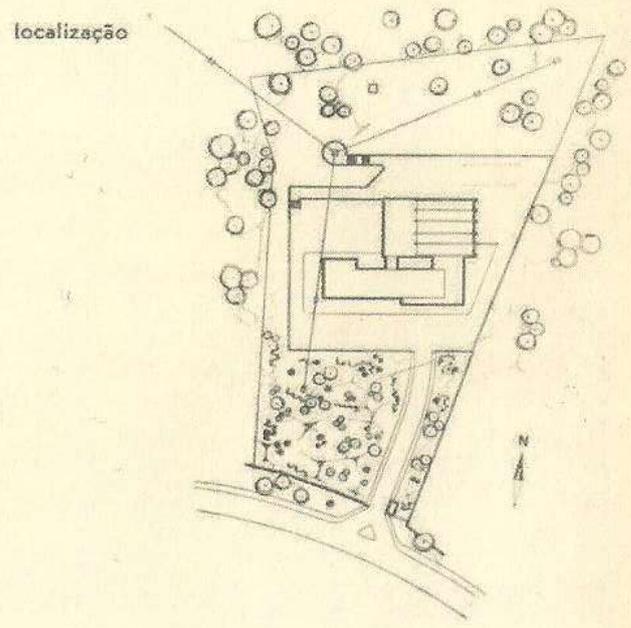
A partir do Centro de Produção do Porto, a programação recorre ainda a talentos oriundos desta área do país, numa lógica de colaboração e de contratação externa. *Ouvido Crítico* estreou-se em 2018 como uma rubrica de educação para os *media*, assinada por investigadores do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho. Em *O Amor é...*, Júlio Machado Vaz conversa com Inês Meneses sobre amor e sexualidade. *Old friends* também se faz de conversas que juntam Manuel Sobrinho Simões, Júlio Machado Vaz, Tiago Alves e Miguel Soares. *Encontros imediatos*, por outro lado, conta com João Govern, numa produ-

ção partilhada com Margarida Pinto Correia. Para a Antena 3, são sobretudo Álvaro Costa, Miguel Quintão e Pedro Tenreiro quem leva a assinatura do Centro de Produção do Porto para a emissão nacional.

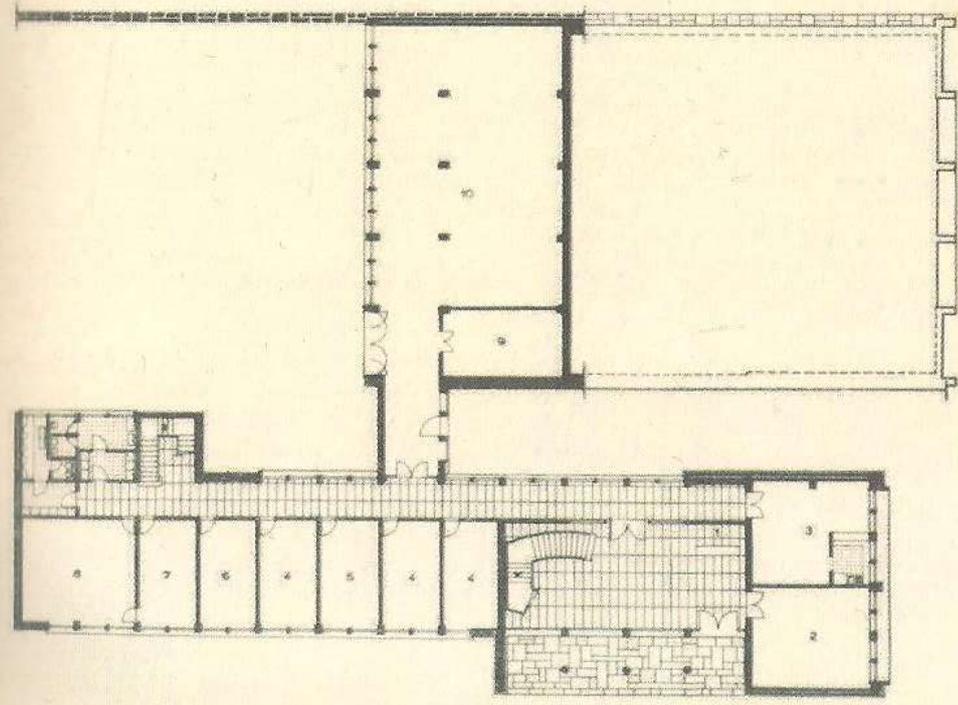
Ao edifício que acolhe a rádio no Monte da Virgem atribuiu-se simbolicamente a letra R — R de rádio. Doze anos depois da sua inauguração, o R que se reclama é o da designação da empresa pública RTP. Às instalações teria convindo um estúdio-auditório, que permitiria fazer programas com público — tanto programas de música

como de informação (uma espécie de *Prós e Contras*, por exemplo, uma ideia da rádio pública no Porto que não ressoou ainda na emissão). E à equipa teria convindo a manutenção do espaço originalmente atribuído. Mas o R que a rádio que saiu da Rua Cândido dos Reis gostaria que reverberasse é o que está nas iniciais da empresa que a acolhe. O R de rádio que, ao lado — e não depois — do T de televisão, credita a ideia de David Hendy⁷ de que o serviço público de *media* não é coisa do passado.

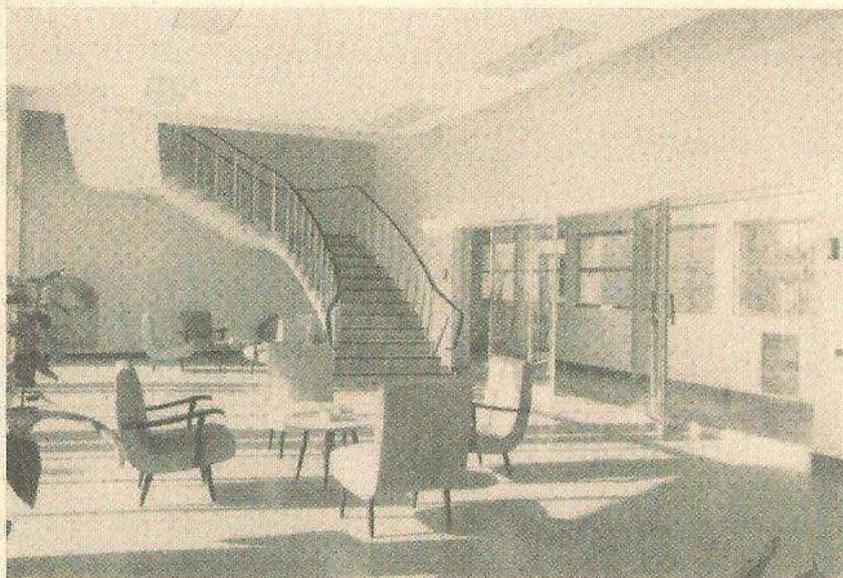
7 Hendy, 2013.



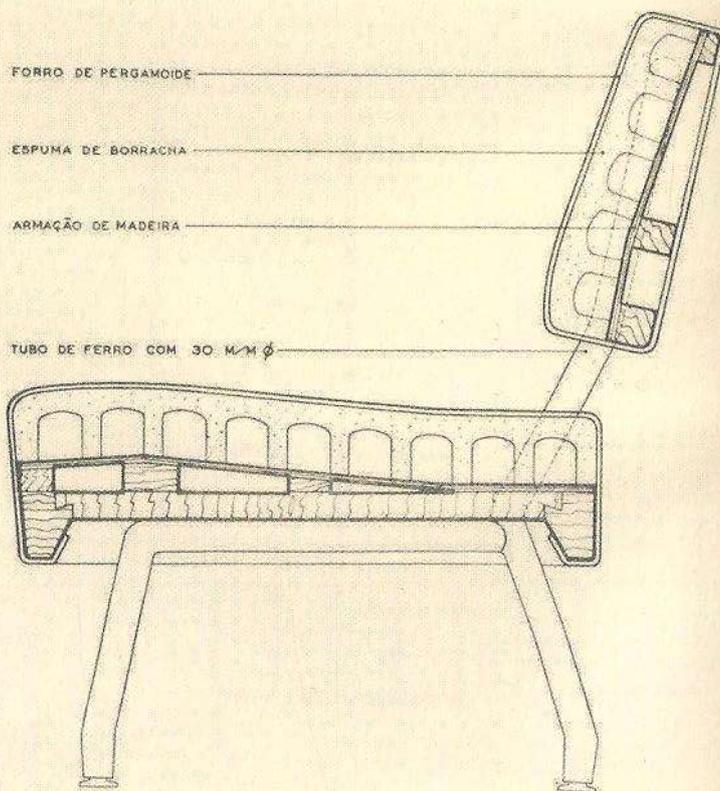
1.º pavimento

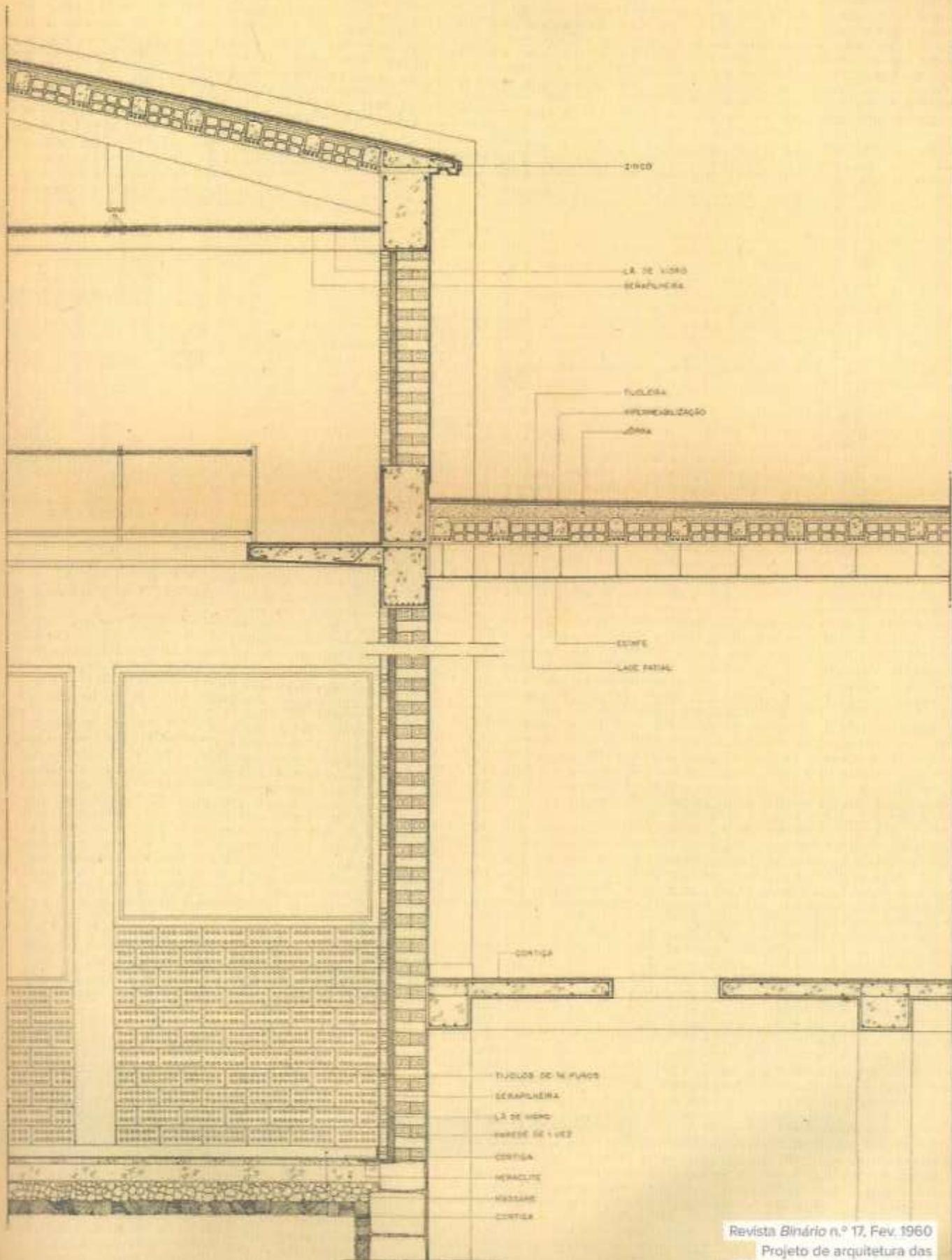


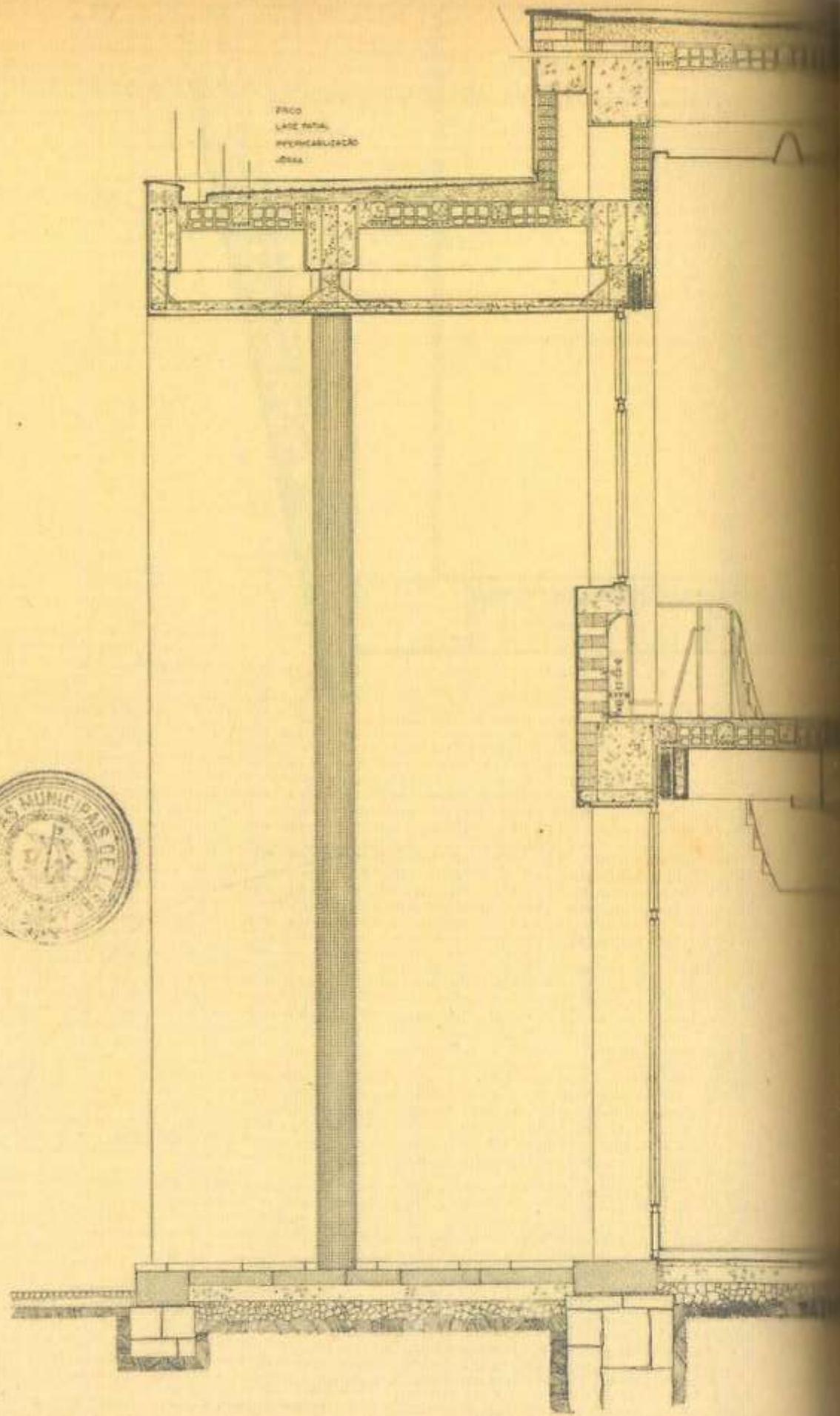
- 1 - recepção
- 2 - sala de espera
- 3 - pessoal
- 4 - gabinete
- 5 - biblioteca
- 6 - chefe de produção
- 7 - chefe dos serviços administrativos
- 8 - secretaria
- 9 - armazém e oficinas
- 10 - grupo de socorro
- central de ventilação
- posto de transformação



hall de entrada







TRACO
LAGE PATA
RECHAMBUZADO
DASA



